

O CONCEITO DE CULTURA E SEUS DINAMISMOS PARA A PESQUISA CIENTÍFICA COM DEMARCADORES SOCIAIS EM RAÇA, GÊNERO E DEFICIÊNCIA

Simone Teixeira Barrios¹;
Georgina Helena Lima Nunes²

¹Universidade Federal de Pelotas – simonetbarrios@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O texto decorre do projeto de pesquisa de doutoramento, vinculado ao PPGE FAE/UFPEL, na linha: Formação de Professores, Ensino, Processos e Práticas educativas, sob a orientação da professora Dr^a Georgina Helena Lima Nunes. A pesquisa a ser realizada a partir de uma estudante mulher, negra e deficiente vai anunciar os demarcadores sociais de raça, gênero e deficiência com um olhar para a formação de professores/as.

Portanto, contemplando essa temática o objetivo do trabalho apresentado neste momento, é fazer uma breve reflexão teórica acerca do conceito de cultura, trazendo algumas considerações para melhor compreendê-la enquanto propulsora nos embates antirracistas e anticapacitistas tal como a sua contribuição para um olhar diverso das multiplicidades de condições que constituem humanidades ou sub-humanidades na confluência de demarcadores tais como raça, gênero e deficiência. Para tanto, nos referenciamos nos seguintes autores: (SKLIAR, 2012), (HALL, 2003), (QUIJANO, 2005); (GONZALEZ, 1984, 1989), (CRENSHAW, 2002), (SODRÉ, 2017), (GOMES, 2003), (MIGNOLO, 2007), (EAGLETON, 2005) e (CURIEL, 2017).

Num primeiro momento, faz-se importante compreender que vivemos um tempo de transição, impasses e crises resultando numa emergência paradigmática chamada de pós-modernidade¹. A pós-modernidade revela-se inconformista frente ao paradigma social dominante do capitalismo globalizado, modelo este que coloca a mulher negra deficiente à margem, revelando um corpo feminino, negro e deficiente num processo de exclusão social violento. Esse processo excludente vai ficar evidenciado na história humana representado pelo silêncio dos discursos centrados nos movimentos que se atualizam a todo instante buscando padrões culturais e formas homogêneas de ser e de estar no mundo. Nesse sentido, “[...] as fronteiras da exclusão aparecem, desaparecem e voltam a aparecer, se multiplicam; se disfarçam; os seus limites se ampliam, mudam de cor, de corpo, de nome e de linguagem” (SKLIAR, 2012).

Vivemos numa época em que a combinação entre o que é semelhante e o que é diferente apresentam a(s) culturas negra(s) ou a negação das mesmas, sendo que se insere em questão, a definição do que seriam esses mesmos/as sujeitos/as dentro daquilo que se conceitua como “cultura negra” (HALL, 2003). Considerando nesse sentido esses/as os/as sujeitos/as, “é necessário ultrapassar o senso comum para uma interpretação do significante negro e as suas tradições e expressões culturais” (Hall, 2003, p.317-330). O resultado desse pensamento é a evidência de sujeitos multifacetados e, entre eles, a face e a presença de uma mulher negra e deficiente entrecortada pelas culturas e pelas identidades que perpassam por quem ela é, de onde

¹[...] pós-moderno quer dizer, aproximadamente, o movimento de pensamento contemporâneo que rejeita totalidades, valores universais, grandes narrativas históricas, sólidos fundamentos para a existência humana e a possibilidade de conhecimento objetivo. O pós-modernismo é cético a respeito de verdade, unidade e progresso, apõe-se ao que vê como elitismo na cultura, tende ao relativismo cultural e celebra o pluralismo, a descontinuidade e a heterogeneidade. (EAGLETON, 2005, p. 27).

ela vem e como ela é vista na conjugação entre o que está previamente determinado e as suas práticas cotidianas como possivelmente insurgências identitárias e emancipatórias.

O racismo, o capacitismo e a questão de gênero vão surgir quando se reduz toda diferença a uma alteridade, relacionando-se à deficiência neste momento, “acaba fazendo de todo outro uma cruel cópia do que se pensa sobre uma pretensa identidade” normal”(SKLIAR, 2012). Nesse sentido, a que se defender como as culturas negras, deficientes e femininas dentro de uma perspectiva decolonial² mexem com a cultura epistêmica dos conceitos e da sociedade levando-nos a um embate frente à ideia de estratificação, colonização e dominação de um padrão de cultura e do protótipo conceitual que contrariam largamente a civilidade humana. Essa visão unilateral que a teoria decolonial se opõe, conforme CURIEL(2017), tem relação com a geopolítica do mundo, que a cada dia cria uma diversidade de hierarquias raciais, sociais, entre outras, e que vai conformando a América Latina como uma periferia da Europa. “A partir daí se cria uma série de categorias muito importantes, a exemplo da colonialidade, que é a maneira como esse eixo colonial se manifesta até os dias de hoje, com hierarquias de poder, sociais, raciais, de sexo, etc”(CURIEL,P.119,2017).

Logo, é impreterível compreender a conjuntura cultural negra para dar visibilidade a uma identidade política como reivindicação de uma cidadania negada historicamente. Nessa visão, é pensar no coletivo que é político e perpassado por culturas afrodiaspóricas que trazem em si a possibilidade diversa de resistências não capturáveis pela lógica do racismo e das epistemologias mestras do modelo moderno-ocidental. Diante desse olhar, entende-se também que “[...] a cultura negra vai possibilitar aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade” (GOMES, 2003, p.79). Por isso, reafirmamos que a discussão sobre raça, gênero e deficiência sob a perspectiva da cultura negra é uma discussão política porque ao “não politizarmos a ‘raça’ e a cultura negra caímos fatalmente nas malhas do racismo e do mito da democracia racial” (GOMES, 2003, p. 78).

A cultura no tocante das experiências de uma mulher negra e deficiente certamente não vai ser apenas a expressão das diferenças culturais – “manifestadas na superfície imediata dos costumes e folguedos – e sim de usar a tecnologia do povo – corporeidade, artesanias, saberes – de dentro para fora, constituindo uma voz autônoma, política e simbolicamente diversa” (SODRÉ, 2017, p.20). Por fim, EAGLETON (2005) revela a evolução do conceito de cultura e como ele foi ganhando diversas significações. A multiplicidade conceitual de cultura vai possibilitar uma análise também plural da vida de uma estudante mulher, negra e deficiente porque se compreende que a cultura negra deficiente e feminina movimenta, modifica e revela as estruturas sociais, ou seja, “[...] através da cultura as pessoas podem se adaptar ao meio, mas também o adaptam a si mesmos e, mais do que isso, podem transformá-lo” (GOMES, 2003, p.75).

²Já o decolonial surge com um grupo de pensadores latino-americanos e caribenhos articulados ao projeto Modernidade/Colonialidade, onde estão Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Arturo Escobar e vários e várias, que começaram a fazer uma releitura da historiografia a partir de um ponto de vista crítico. Retomam algumas teorias muito importantes, como a teoria da dependência da América Latina e do Caribe, a educação popular, a teologia da libertação. “[...] Na América Latina, há tempos viemos conformando, mesmo desde o tempo da escravidão, pensamentos outros. Essas autoras e autores retomam tudo isso e começam a armar um pensamento muito mais complexo a partir do entendimento de como funciona o sistema mundo colonial, construído desde o colonialismo e que se mantém ainda hoje”(CURIEL,p.119,2017).

2. METODOLOGIA

Olhar para a pluralidade acerca dos conceitos sobre a cultura também vai possibilitar uma análise múltipla da vida de uma mulher, negra e deficiente; uma história que parte do lugar de a - histórica permitindo que a dimensão interseccional denuncie e anuncie outros modos de ver e viver a simultaneidade das opressões. Metodologicamente o trabalho exposto tem como base os princípios de uma pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica³ postulando a necessidade de uma perspectiva Interseccional⁴. A interseccionalidade vai ser percebida como meio de “[...] capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Reforçando as bases teóricas do trabalho exposto, coadunamos com autores tais como: (SKLIAR, 2012); (HALL, 2003); (QUIJANO, 2005); (GONZALEZ, 1984, 1989); (CRENSHAW, 2002), (SODRÉ, 2017); (GOMES, 2003); (MIGNOLO(2007); (EAGLETON, 2005) e (CURIEL,2017) para trazer alguns argumentos na compreensão da cultura enquanto potência e propulsora nos embates antirracistas e anticapacitistas bem como a sua contribuição para um olhar múltiplo das condições que constituem a ausência de humanidade no momento da proximidade dos marcadores sociais de raça, gênero e deficiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de cultura acolhe o movimento, é ilimitado, é mutável na história e na vida da humanidade. A cultura pode ser uma aposta de uma construção teórica para um aporte nas ressignificações conceituais, fazendo-se dessa forma, uma possibilidade de abertura e percurso de resistência no combate ao preconceito e a desigualdade de raça, gênero e deficiência sob o viés da cultura negra. No trabalho apresentado, evidencia-se que assim como o racismo é estrutural, as demais opressões aqui relacionadas também o são, porque vivemos numa sociedade racista, capacitista e patriarcalista. Pensando dessa forma, a pesquisa sobre uma mulher negra deficiente vai ampliar e potencializar o debate, a luta social e impelir resistências sobre as opressões de raça, gênero e deficiência, pois não há “cura” para o diferente uma vez que a humanidade é profundamente diversificada e desigual e é nesse contexto que vão florescer as culturas de ódio e da intolerância.

Justifica-se por conseguinte que é premente construir relações, vivências e lutas sociais que fortaleçam e visibilizem culturas negras, femininas e deficientes através do pensamento de que a mesma não se caracteriza como um conceito único, mas sim enquanto concepção contraditória, flexível e contestadora que se encaminha para a inconsistência das respostas e requer uma ampla visão de mundo que se volte para as opressões simultâneas de raça, gênero e deficiência.

4. CONCLUSÕES

³Segundo GIL (2008), a pesquisa bibliográfica quanto aos procedimentos técnicos é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

⁴O valor metodológico do conceito de interseccionalidade é pensarmos de forma relacional os marcadores sociais da diferença de classe, raça, gênero e no caso, se junta à deficiência, num momento em que essas categorias são pensadas analiticamente de forma distintas (GONZALES, 1984, 1989).

Assim sendo, podemos compreender que a cultura é construtora de reflexões permanentes, não conseguindo dar-se por conclusa em algum dado momento ou tempo histórico. Embrenhar-se no campo conceitual pode contribuir para termos outros olhares frente às questões colocadas à margem em uma sociedade que assevera, continuamente, um poder masculino, que institui padrões de “normalidade” e não se liberta da desumanidade do racismo. Esses aspectos acabam por engendrar opressões violentas que perpetuam o preconceito e a discriminação.

Nesses termos, não se pretende esgotar o tema proposto mas ponderamos sobre a importância de interrogar-se e questionar-se a partir de conceitos pouco problematizados e assim, evidenciar o conceito de cultura como um campo revelador para os estudos que são perpassados pelos demarcadores sociais de gênero, de raça e de deficiência. Entende-se que essas categorias estão em permanente “disputa” no interior do próprio conceito porque os potenciais da exclusão e, contraditoriamente, da resistência a essas lógicas que conformam uma sociedade ainda imersa numa colonialidade de ser, saber e poder (QUIJANO, 2005), nos fazem problematizar conceitos de culturas que perpassam discursividades hegemônicas e contra-hegemônicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRENSHAW, Kimberlé W. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao Gênero. Estudos Feministas, v. 1, pp. 171-188.
- CURIEL, Ochy. In TEIXEIRA AnalbaBrazão.; SILVA. Ariana Mara da; FIGUEIREDO. Ângela. Um diálogo decolonial na colonial cidade de Cachoeira/BA. Entrevista com Ochy Curiel. Cadernos de Gênero e Diversidade, Vol 03, N. 04 – P.107-120, Out. - Dez., 2017.
- EAGLETON, T. A ideia de cultura. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º 92/93. (jan.jun.), p. 69-82. 1988.
- GOMES. Nilma Lino Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23, Universidade Federal de Minas Gerais.
- HALL, Stuart. Diáspora: identidades e mediações culturais. Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. *Que negro é esse na cultura negra?* In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 317-330.
- MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. 3.ed. S. Paulo. Ed. Cortez, 2000.
- QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.
- SKLIAR, Carlos Bernardo. Entrevista ao website Folha Dirigida. UFRGS, 2 de Agosto de 2012.
- SODRÉ, Muniz. A cultura como crise. POL. CULT. VER, Salvador, V. 10, N. 1, p. 11-22, JAN./JUN, 2017.